

Introdução

A crença cultural de que a cidade é moderna e o campo é atrasado vem deslocando milhares de indivíduos para as grandes metrópoles, através de décadas que remontam a colonização até os dias de hoje, à procura de melhores condições de trabalho (Vainer, 2000; Rua, 2003). Muitos nordestinos, de um nível social mais baixo, vêm para o Rio de Janeiro com a esperança de uma “vida melhor”, no entanto, o que muda, na verdade, são somente as características de vida, ou seja, o tipo de trabalho, moradia e relacionamentos. Geralmente, quase nada se altera em seu padrão econômico, e, para sobreviver, eles têm que se adaptar a novas situações sócio-culturais, diferentes das que aprenderam em sua terra de origem.

Esta pesquisa visa investigar como o nordestino migrante reconstrói as suas identidades sócio-culturais que emergem em sua história de vida (Linde, 1993), tendo como base a análise de narrativas, explicações e crônicas produzidas em duas entrevistas de pesquisa; e refletir sobre o processo sócio-histórico-cultural da migração no Brasil e suas relações com o modo como o migrante se posiciona no contexto sócio-cultural de sua terra de origem, Lagoa da Roça, Paraíba, e da cidade do Rio de Janeiro, para a qual ele migra, buscando-se o entendimento dos significados que ele atribui a cada construção de identidade.

A escolha do tema migração para a minha pesquisa vem do fato que, durante quase vinte anos da minha vida, morei no nordeste, em uma cidade da Bahia chamada Teixeira de Freitas e em Maceió, capital de Alagoas. Minha filha nasceu na Bahia, onde comecei a educação dela e do meu filho. Em Teixeira de Freitas, formei meus relacionamentos e aprendi muito da cultura nordestina. Mais tarde, mudei-me para Maceió, lugar onde atuei bastante profissionalmente e fiz novos relacionamentos. Em Alagoas, vivi muito da cultura nordestina e aprendi a conviver com esse povo tão sofrido e rico em história. Por essa razão, sinto-me parte do grupo de nordestinos e participar um pouco da história de vida de um migrante é um privilégio para mim, à medida que posso fazer com que as entrevistas realizadas com ele sejam um modo de levá-lo a pensar sobre suas experiências, dar sentido à sua vida e avaliá-la.

No Rio de Janeiro, passei a observar a quantidade de nordestinos migrantes que trabalhavam em prédios. Surgiu, então, um forte interesse em entender como eles percebiam, interpretavam e avaliavam a motivação de deixar sua terra de origem e como esses nordestinos situavam-se numa metrópole bem longe de seus espaços físicos e culturais. Escolhi trabalhar, em minha pesquisa, com a história de vida de um nordestino porteiro de prédio, visto que o discurso individual é uma das maneiras de entendermos o mundo social que se manifesta através da agência de cada um (Gubrium e Holstein, 2003). Entendemos que somos atuantes no mundo em nossas conversas pessoais sobre nossas vidas, família, amigos (Abu-Lughod, 1993), por isso, acredito que minha conversa com esse migrante poderia levá-lo a refletir sobre suas experiências, que fazem parte de sua história de vida, contribuindo, assim, para o sentido de pessoa que ele constrói como um indivíduo particular. A cultura nordestina não representa um grupo inteiro, antes ela é um conjunto de práticas individuais e sociais representadas pela maneira particular de comunicar e interagir de cada indivíduo que tem suas raízes no nordeste.

As circunstâncias em que Seu Francisco, o entrevistado, se encontrou ao começar a trabalhar no Rio de Janeiro como pedreiro em uma construção são narradas com uma avaliação importante no momento da narrativa; *“aí fui trabalhar na obra e comecei... cabeça naquilo tudo. às vezes assim quando:: não dava demonstração mas aquilo eu tava chorando por DENtro”*. Seu Francisco avalia aquela situação naquele momento em que conversava comigo. Deixa suas emoções fluírem e admite uma certa fraqueza “em chorar”, nem que fosse por dentro, construindo-se de acordo com a crença de que “homem que é homem não chora”.

As pesquisas sobre migrantes, freqüentemente, dão mais enfoque aos aspectos quantitativos, pouco abordando o aspecto individual do nordestino como produto social. A pesquisa qualitativa, que tem sua origem na Antropologia, vem desenvolvendo múltiplas perspectivas e pontos de vista na busca de variados significados para as interpretações das práticas diárias dos indivíduos (Denzin e Lincoln, 2006). Durante minha análise, entendi que a pesquisa que realizava era um processo interativo influenciado pela história de Seu Francisco e que, por isso, as minhas interpretações deveriam ser relacionadas aos significados que ele conferia na construção de suas diferentes identidades. A riqueza que os dados

forneciam através de um único entrevistado era tamanha que, como *bricoleur* interpretativo, busco reunir grande variedade de práticas interpretativas interligadas, que constroem um amplo entendimento a respeito dos pensamentos, emoções e idéias desse migrante (Denzin e Lincoln, 2006). Começava, assim, o meu trabalho em desenvolver a habilidade de sair do meu modo limitado de ver as coisas e tomar as perspectivas desse nordestino (Duranti, 1997).

Para a realização desta pesquisa, foram feitas duas entrevistas, gravadas em áudio, com um nordestino porteiro de um prédio da zona norte do Rio de Janeiro. Seu Francisco, 50 anos, trabalha no mesmo prédio há vinte e oito anos e mora perto do local de trabalho. Nas duas entrevistas, a primeira denominada “Meu sonho era trabalhar na roça” e a segunda “Era roça mesmo”, Seu Francisco conversa comigo sobre seus relacionamentos, trabalho, família e opções de vida, na roça e no Rio de Janeiro.

A análise pretende mostrar as identidades discursivamente construídas por Seu Francisco, as quais emergem na interação, em um contínuo processo social, cultural e político (Bucholtz e Hall, 2003). Este migrante nordestino assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que ele constrói a partir de um ‘eu’ que precisa ser coerente para ele e para mim (Hall, 2006). Seu Francisco faz avaliações em suas narrativas que contribuem para o sentido de *self* e negocia comigo o entendimento para tornar sua história de vida significativa, fazendo com que as experiências vivenciadas na roça e no Rio de Janeiro se tornem coerentes com as nossas expectativas (Linde, 1993).

Como referencial teórico, a pesquisa adota a perspectiva teórica e metodológica da análise do discurso segundo a Sociolinguística Interacional, com base nos conceitos de *footing* (Goffman [1981] 2002), enquadre interativo e esquema de conhecimento (Tannen e Wallat ([1987] 2002) e de pistas de contextualização (Gumperz ([1982] 2002) aplicados à interação e aos momentos em que o migrante interpreta suas experiências e seus relacionamentos e ao estudo do trabalho social e lingüístico na elaboração das identidades; a concepção de identidade por Bucholtz & Hall (2005) e Snow (2001), que entendem a identidade como uma construção discursiva, produto sócio-cultural, emergente na interação; as pesquisas de Linde (1993) e Shiffrin (1996) em história de vida aplicadas ao significado que o migrante atribui à sua vida e às identidades que ele constrói no momento das entrevistas; os trabalhos de Labov (1972) dedicados à organização

das narrativas em seis elementos, a saber, sumário, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda, identificados nas narrativas do migrante; os estudos em avaliação desenvolvidos por Thompson e Hunston (2003), na negociação dos sistemas de valores entre o migrante e o entrevistador construída no momento da interação.

A partir das perspectivas teóricas citadas acima, esta pesquisa busca entender como o migrante nordestino posiciona o seu *self* ao justificar sua decisão de deixar sua terra natal; as suas reconstruções identitárias em relação ao seu trabalho, família e amigos nas situações vivenciadas em sua terra natal e no Rio de Janeiro; como o migrante nordestino se constrói em relação à sua vontade de voltar à sua terra de origem; como ele se constrói em relação à sua situação atual no Rio de Janeiro.

Esta pesquisa estará abordando o referencial teórico sócio-histórico-político dos estudos de Vainer (2000) e Rua (2003), como contribuição no entendimento do processo de migração no Brasil e as pesquisas antropológicas desenvolvidas por Barbosa (2000) sobre o trabalhador porteiro nordestino no Rio de Janeiro.

Se o conhecimento científico tradicional é entendido como senso comum e ignora as práticas sociais vividas pelas pessoas de carne e osso no dia a dia (Moita Lopes, 1998), contar história de vida é um novo modo de produzir conhecimento sobre as mudanças na sociedade e na maneira como nos vemos e nos colocamos atuantes no mundo social que nos cerca. Ao contarmos nossas histórias, abrimos espaço para que outras pessoas façam parte de nossas experiências, como uma maneira de agirmos e interagirmos em nossos relacionamentos.

Esta pesquisa torna-se relevante à medida que as entrevistas realizadas transportam a experiência individual para um domínio público, contribuindo para a reflexão e o entendimento do que significa fazer parte do dia-a-dia. Através das histórias de Seu Francisco, podemos conhecer a diversidade das culturas, que nos leva a entender as diferenças para não estigmatizá-las. A reconstrução das experiências de vida de Seu Francisco, as justificativas e interpretações do que ele e outros fizeram e estão fazendo permitem um entendimento mais claro de como a vida social se processa em contextos sócio-culturais específicos (Abu-Lughod, 1993).

Este trabalho está dividido em seis capítulos: na introdução, capítulo 1, tem-se uma visão geral sobre a motivação da pesquisa, seus objetivos e perspectiva teórica adotada. O segundo capítulo traz um breve estudo sobre as migrações nordestinas no Brasil e o mercado de trabalho de migrantes nordestinos como porteiros de prédio no Rio de Janeiro. No terceiro capítulo, abordo os principais fundamentos teóricos na realização da análise. O quarto capítulo trata do embasamento metodológico, com a contextualização dos dados e do sujeito da pesquisa. O quinto capítulo apresenta a análise das duas entrevistas, objetivando compreender as construções identitárias que emergem nesses eventos. Este capítulo organiza-se de acordo com a motivação do processo de migração; o trabalho na roça e no Rio de Janeiro; a relação com a família e amigos em sua terra natal e no Rio de Janeiro; as tentativas de retorno e as razões de permanência de Seu Francisco no Rio de Janeiro; e os sonhos realizados. No último capítulo, retomo os principais aspectos analisados e faço uma reflexão sobre o resultado da pesquisa no entendimento dos significados e avaliações do nordestino em suas construções de identidade, e sobre o processo sócio-histórico-cultural da migração nordestina e suas relações com as situações vivenciadas de um migrante nordestino na roça e no Rio de Janeiro.